

# O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 10.

SABBADO 9 DE JUNHO.

1860.

## As Azas de um Anjo.

O Brazil está ainda passando pelas pro-  
vanças de um paiz na infancia, e suas pro-  
ducções litterarias como todas as demais  
trazem o cunho de tirocinio. Ainda assim,  
—ricos materiaes á vindouros monumentos  
—é dever de patriotismo acoroçoal-os. Taes  
são os sentimentos que nos assenhorearam  
o espirito ao abrir «*As Azas de um Anjo*».  
Aguardavamos imperfeições á se acotovela-  
rem nesse Livro que acaba de vêr a luz da  
publicidade, e contavamos com um pane-  
gyrico obrigado a ideiar. Grata decepção!  
Entre os dramas brasileiros, á nosso conhe-  
cimento, —e Deus sabe quantos nos hão apu-  
rado a paciencia! —ás *Azas de um Anjo* o  
primeiro lugar. Os contemporaneos pode-  
rão se deslembra que Deus lhes deu alma  
de admirar o bello, a posteridade hade col-  
locar aquella composição dramatica entre os  
primores da eschola *realista*. Nós que en-  
trevemos esse futuro de gloria, vimos por  
nosso turno felicitar o autor.

O finado Penna tinha o genio da come-  
dia, a Providencia arrancando-o cêdo ás  
nossas esperanças consentio-lhe de legar-  
nos apenas algumas farças, onde bem se  
pode medir a grandesa da perda de que  
uma morte tão prematura nos fez victimas.  
Seu lugar ainda está por preencher. Mas o  
genio do drama si «*As Azas de um Anjo*»  
não o revellam, quem no Imperio jámais o  
teve? Em nome pois do progresso da lit-  
teratura nacional supplicamos ao Snr. Alen-  
car que persevere na brilhante carreira en-  
cetada, restituindo-lhe algumas das horas  
que roubou-lhe para abandonar-se ao inglo-  
rio *ganha-pão* do funcionalismo publico.  
O êcho que o rouco resmungar de estupi-  
dos zoilos encontrou na policia não abate  
nem a pusillanimes mediocridades. E bem  
vingado está elle; estampando no frontespi-  
cio da obra o *veto* da policia deu um certi-  
ficado ante as éras vindouras da ignorancia  
das autoridades a quem confiamos a inspec-  
ção dos nossos theatros. Nosso proceder se-  
ria tambem esse; não se pode levar mais  
longe o desprezo de uma opinião do que  
dando-lhe toda a publicidade.

Immoral as *Azas de um Anjo*! Voraz  
cancro da prostituição impetuoso lavra no  
seio da sociedade; cada dia novas Phrynes  
surgem a affrontar o pudor publico, e a ino-  
cular por toda a parte lethal veneno. —O  
poder publico não as reprime, e nem emprega  
se quer meios preventivos que as isolem da  
parte sã da sociedade! E si o litterato pos-  
suido de indignação ao vêr que no drama  
real do mundo a prostituição livremente se  
desencadêa a transporte ao mundo phantasti-  
co do drama para infringir-lhe a punição, a  
autoridade o detem! Em que qualidade  
de eschola esses senhores se embuiram das  
noções de moral? Pôr em exposição um  
desses entes abjectos não é assoalhar mys-  
terio que só se diz ao ouvido, dar em ex-  
pectaculo escandalo ignoto. Desenvoltas  
cantoneiras roçam-vos as vestes nas ruas,  
alardeam sua devassidão nas praças publi-  
cas, tomam no theatro o camarote contiguo  
ao de vossa familia, sentam-se nos templos  
ao lado de vossa filha, e installam-vos em  
frente da residencia uma casa publica para  
mercadejarem o que ha de mais puro. En-  
tão porque no meio de tanta publicidade ba-  
nir das lieções da scena o que todo mundo  
vê ao redor de si? Ah! são pobres crea-  
turas desherdadas da fortuna! Erguei o  
poste si quereis no meio do palco e açoitae  
a impertinencia dos velhos, a cegueira do  
amor paternal, os ciumes de um marido, os  
estragos da embriaguez ou do jogo, a ty-  
rannia do poder, e quanto flagello opprime a  
triste humanidade, ou si preferis podeis fa-  
zer o mundo applaudir o velho gamenho que  
precipita ingenua menina na carreira da per-  
versão, ou rir da credulidade do marido que  
tomou por esposa a loureira que o deshona-  
ra; mas os vicios da mulher perdida não os  
exhibam ao publico, a moral o impede. —De  
que moral falla esta boa gente?

«*As Azas de um Anjo*» tem defeitos; con-  
vimos que o são em grande copia. Que  
obra da mão de homens, meu Deus, está  
delles izempta? Mas immoral só a reputa-  
remos quando por extranha transformação  
do mundo por justo e honesto cobrir de  
gloria a creatura que vendendo o corpo aos  
homens e a alma ao diabo, mata a mocida-

de, arruina as familias, e fere de mil modo os interesses do Estado. Até lá continuaremos a errar com aquelles que devotam ao stigma universal os males de nossa viciosa organização social, onde quer que os encontrem. Fique á mocidade tresloucada, e á velhice devassa victoriar no delirio das orgias as impudicas Messalinias. O bom senso hade perpetuamente repudiar taes ovações, e imprimir o ferrete da ignominia na fronte daquelles que a pretexto de moral ampararem com o manto do Poder publico semelhantes perversões do coração. De nossa parte si o autor tem um crime é o de não carregar mais a mão sobre Carolina. «*Victor Hugo, diz elle, poetizou a perdição na sua Mareon de Lorene, Alexandre Dumas filho a ennobrecer na Dama das Camélias*», e o Sr. Alencar, dizemos nós, a recompensou nas *Azas de um Anjo*.

Carolina é donzella pervertida. Começa por entregar-se ao primeiro homem que lhe salta a janella para raptal-a. Depois, como sempre, succedem obrações mutuas que parecem infindas. Mas a lua de mel passa, em qual delles vislumbra o tedio? Quem o diria? É ella que sem causa, em meio dos fervidos cultos de que a cerca o amante, resolve a separação, e—leva a impudencia a lh'o dizer em face. Será este o curso natural da prostituição? Em um bello dia, na vida real de ordinario, a pobre moça seduzida amanhece abandonada, e então,—triste dia! começa a vender ephemeros amores á quem quer saciar brutaes appetites. Não é esta porem a historia de Carolina. Ella corre de motu proprio á perdição. Quem a deterá? Sua filha. Como separar-se da pobre creacinha na idade em que mais precisos lhe são os affagos maternos! É situação interessante a do conflicto entre uma tenaz resolução e a maternidade, mas que não se prolonga, a natureza logo triumphá. Cuidaes isso, leitor? — Engano. Essa linda moça, de linguagem polida que o carinhoso amor dos paes, de quem era as delicias, não reteve no caminho da honra,— não tem si quer a virtude das feras indomitas *não ama a sua filha!* E entretanto tal é a fascinação do amor que á essa creatura desnaturada que inspira asco, seu amante arrostando as iras da propria familia, quer tomar por esposa a face da Igreja. É uma reparação que se demorou em demasia, mas que nunca chega tarde; e a desgraçada não vacilla em recusar-a para correr atraz de não sabemos que monomania!

Assim pois dado o primeiro passo tudo mais que contem a eschola da prostituição vem de si proprio. O segundo amante se arruina por loucas dissipações, e quando reduzido a ultima miseria nada mais tem a dar é desapiadadamente por seu turno expulso da casa, que então transforma-se em prostibulo. Um dia elle volta, nada lhe exproba, nenhuma reeriminação, vem supplicante para salvar-se do opprobrio de uma accusação judicial implorar por emprestimo uma joia que lhe doara, e que jura restituir-lhe, comprada com cinco contos de réis que lhe confiára seu pae para o dote de uma orphã desvalida. Carolina atróa os ares com stridente gargalhada de escarneo. N'outra occasião o acaso a reune á seu pae;—ella finge não conhece-lo. Sua mãe..... sua mãe tam bem vem cheia de perdões relhaver a filha dissoluta, ou seguil-a á toda a parte;—é repellida!..... O que merece esta mulher?— Eis como o autor a trata.

Carolina quer ser a amasia do seu primeiro amante, ninguem a incommoda. Seus paes preferem succumbir nas tribulações de um vão desespero; e ate um primo—Luiz de Vianna que a adora, não obsta o rapto, nem depois acha um bacamarte que compilla o rival feliz á justa reparação. Teme desagradar a Carolina cujo amor ambiciona. Consentir que uma prima se deshonre para não renunciar a esperança de esposar-a um dia..... A vida real com todas suas aberrações difficilmente produzirá exemplo dessa quinta essencia do amor. Depois Carolina se aborrece do seu raptor e primeiro amante, e se dispoem a despedil-o, porque sente-se avida de liberdade, e elle cioso da ventura que frue a sequestra do mundo, e porque aspira no desvario da ambição a um luxo e oppulencia que sua modesta fortuna não permite. Pois bem, um amigo desse moço—como os ha á cada canto,—jovem, bello, estimavel, de riqueza fabulosa, surde como tocado pelo condão da feiticeira a oferecer-lhe tudo isso; tudo até a liberdade! E não teme nada, o primeiro amante não disputa com as armas na mão o imperio sobre o coração que possuirá, e que aliás para guardar tinha até convindo em sacrificar o futuro da vida agrilhoando-se nas cadeias eternas do hymeneu. Cidadão pacifico, paga os tributos sem resmungar, acode ao serviço do jury ou da guarda nacional quando o chamam, e amigo da ordem sobretudo vê, com fria impassibilidade que faz honra ao seu estoicismo, um falso amigo roubar-lhe o



primeiro e unico amor, a esposa do coração, a mãe de sua filha!

A final as grandes artificiaes, e fruições illicitas tambem enfadam; a pobre moça depois de largos dias de devassidão não sabe mais que ha de querer. Então lembra-se de amar em segredo o despresado primo, e poem-se a sonhar com as delicias de uma vida calma á seu lado. Os mimos que os tripudios da libertinagem lhe grangeam cada noute reserva a ir esconder com elle á um canto as venturas da nova phantasia. No entanto roubam-lhe o peculio; pensaes que é uma desgraça? Logo que se divulga a ephemera pobreza todos os amigos correm a porfia a soccorrel-a. Luiz de Vianna vac adiante de todos seus desejos, da-lhe o amor que ella cobiçara, reinstalla-a na paterna morada, restitue-lhe a ternura maternal, alcança-lhe o perdão do offendido pae, e recupera-lhe a abandonada e perdida filha. Que mais falta á uma felicidade completa?—Casar-se. O bom do primo não é homem a trepidar ante ninharias; o matrimonio se celebra com applausos geraes, e o panno cae. Aqui ignoramos que é mais a surprender si o heroismo daquelle que toma por esposa a mulher defamada ou a virtude desta—de bom quilate—resgatada pelo arrependimento,—quando facil adhere á tamanho sacrificio. E' verdade que o noivo se annuncia para com ella nas singelas relações d'irmão. E, entre parentthesis,—ahi desconhecemos seu cavalheirismo. Os motivos seriam assaz inoffensivos, mas descobrir a formidavel reserva só depois de casado, não parece grandemente lisonjeiro ao caracter da prima. Que atroz sobresalto á uma mulher de tempera ardente! Será este o castigo? Mas o expectador se retira perguntando a si mesmo: «seriamente permanecerá fiel ao celibato o homem no vigor da idade a conviver com a linda moça por quem bebe os ares?» Ora no theatro, como n'outra qualquer parte a punição é algum mal muito positivo e manifesto, nunca simples ameaça que ninguem sabe si virá a por-se em pratica. A ameaça intimida apenas, e a de que se trata deixa o espirito na incerteza si é um brado arrancado ao intimo da consciencia no frenesi d'um enthusiasmo, umas dessas promessas creadas para nos sairem dos labios sem pretenções á realidade. Assim pois, exclamareis talvez, as *Azas de um Anjo*, é peça immoral! Si estaes em veia de arguil-a nós vos armaremos de mais outros argumentos.

Todas as personagens sem exclusão do proprio seductor são excellentes pessoas, Carolina é quasi a unica excepção; e todos soffrem, menos ella. A magoa de perder a filha prostra a mãe no leito da agonia, e o pae buscando na embriaguez o olvido do infortunio contrahe um vicio contra o qual o progresso da civilisação ainda não acertou com um antidoto que o conjure. Consequentemente o mal no drama é sempre triumphante, e o bem opprimido;—o inverso da regra.

E' porem precisamente em tudo isso que existe o alto merito da obra, e um grande fundo de moral. O pensamento do autor é revellar primeiro que o Anjo que perde as azas arrasta, caído, consigo ao abysmo quanto encontra, e segundo que não é só no céo que ha perdão para as Magdalenas. Importae no Imperio mediante o emprego de sommas enormes turba de capuchinhos europeus que em portuguez macarronico venham prègar, com ar de verdade ainda não ouvida na Terra de Santa Cruz, a moral evangelica á nós povo barbaro, não podeis vos lisongear de que sua palavra será mais poderosa e o ensino mais efficaz que o Drama que na lingoagem eloquente da acção diz—as vossas esposas e filhas: «Si succumbires é tentação do mal semelhareis a bomba a estourar fazendo victimas ao redor de si; ai! de vossos paes e de todos que vos presam!» e ás mulheres perdidas: «Erguei-vos da sentina; aos olhos de Deus o arrependimento reine as maiores culpas, e na propria Terra podeis ainda ser galardoadas.» Por isso dissemos: o Snr. Alencar remunera a perdição, mas a perdição contricta, e quizeramos carregasse mais a mão sobre Carolina porque o remorso que a conduz á salvação cumpria fosse mais pungente.

Como esse são os outros senões pouco salientes. A phrase sobremodo espirituosa de algumas scenas não ouvida ainda nem nos salões da alta sociedade fluminense imita as composições modernas da França, mas é a nossos olhos antes mais um merito do que defeito. O maior delles, o unico transcendente depara-se na scena 8.<sup>a</sup> do 1.<sup>o</sup> Acto, e na 13.<sup>a</sup> do 4.<sup>o</sup>. Naquelle Antonio, um bebado, diz á Carolina: «... *Dá cá este abraço... menina! Deixa-me ver teu rosto. Tu pareces bonita!...* Na 13.<sup>a</sup> Carolina acha-se no escuro, Antonio tenta de novo abraçal-a, quando sobrevem Luiz de Vianna. Ainda que Antonio estivera em

seu pleno juizo que ha nesse jogo scenico que não possa ser presenciado pelo publico da mais culta nação do orbe? E' no 29 o quadro do sargento com a amada do capitão. Mas si vos avisam que esse Antonio que parece querer tambem por seu turno re-querstar a Carolina é... não advinhaes quem?... o proprio pae de Carolina, a scena é de máo gosto e de peor effeito. Contra a lascivia de um pae junto a filha ha alguma cousa dentro de nós a sublevar-se; que di-remos quando fór ella o objecto da lascivia? Ha um certo ponto alem do qual a alma não concebe ou admite a degradação da natureza humana. Nem aos Poetas é licito dar as honras da exposição a humilhações que a rebaixam em demasia. Em consequencia ninguem quererá pôr em representação a antropophagia, o parricidio, o incesto; são degenerações olhadas como monstruosidades que sobrepujam a capacidade de objecção e aviltamento do coração humano. Entretanto diz o Autor: « *Essa scena é a mais moral da minha comedia, é talvez a unica que tenha bastante força para fazer estremecer uma alma gasta, e insensivel as emoções; é o melhor lance de meu Drama, e eu o não cortaria sem estragar a obra.* » Seria bem curioso ver as razões convincentes da moralidade e imperiosidade sobre os outros de um lance repugnante ainda n'um lupanar, que nem as proprias mulheres perdidas toleram, porque *faz estremecer as mesmas almas gastas.* Demais não são sensibilidades embotadas que povoam os theatros; e nem o Snr. Alencar phantasiando « *As Azas de um Anjo* » e o Gymnasio franqueando-lhe seus porticos tiveram em vista que iam se dirigir á um publico de corações empedernidos á que, para arrancar alguma emoção, é mister abalo até as profundezas. Supprima pois o Autor semelhante lance, aliás manifestamente escusado ao desenvolvim-ento e desfecho do Drama. E' cegueira de amor proprio offendido allegar como indispensavel meia duzia de palavras que para conhecer sua desnecessidade basta ter olhos de ver. E por felicidade o defeito tão facilmente se corrige, que com um traço de penna está tudo feito, não sendo mister para conservar a perfeição do Drama, acrescentar sequer uma virgula. Maior não pôde ser a utilidade do pouco que ha a cortar! E' uma filha a ver a seu respeito frases libidinosas em labios paternos, que estraga um livro, do qual seu autor com justo titulo deve orgulhar-se, porque o situa entre

as proeminentes notabilidades de litteratura brasileira.

D. M.

## EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

### VI.

È quasi meio dia, e ainda temos de fazer as nossas costumadas orações; não tereis hoje, pois, composição minha; não quero deter-vos por mais tempo. A pé... rezemos; e logo que concluida seja a nossa reza, iremos todos passear por esses campos; iremos apanhar fructas, correr, brincar; seja o resto deste dia, para nós, todo de folguedos, todo de prazer e galhofadas. E que dizeis a isto? Approvaes ou não?

Depois de uma semana inteira, sem que a chuva dêsse lugar ás passeatas do costume; é justo que com o coração á larga, haja folgança hoje, que a atmospherá nos permitte. Estaes por isto?.. Pois bem; a pé; erguei-vos. Tomae vossos bonés; ponham-se em ordem, aos dois e dois; nada de barulho; na frente os mais velhos; e os mais pequenos vão perto de mim.

Assim... portem-se com juizo, nada de brincados pelas ruas, isso não é proprio a meninos bem educados. Sigamos. Mas onde iremos nós? Ao Jardim Botânico, á Luz, á Ponte Grande, a Sant'Anna, ou pelos Curros, ao Campo Redondo? Talvez que prefiracs ir pelos lados da Consolação, da estrada do Bexiga, da de Santos, ao Matadouro Novo, ou antes á Tabatinguera, ao Braz, e pela varzea vos entreterdes?...

Ora, eis-vos cada um puchando para seu lado; isso não serve; deveis concordar todos n'uma só cousa, pois não é possivel que a vontade de todos seja satisfeita ao mesmo tempo.

Siu! Siu.... que barulho é esse? Quereis todos fallar ao mesmo tempo; o caso é que ninguem se entende, nem pôde ouvir as razões dos outros.

Calae-vos todos; deveis ser mais methodicos; e tudo se deve fazer com ordem.

Fallareis cada um por sua vez; apresente cada um dos discordes a sua razão; e no fim veremos quem mais partido ganha. Sim, que falle primeiro o n.º 10; escutem todos, ouçamos o que elle diz.

N.º 10: «Eu digo que vamos por S. Ben-

to, e de lá desçamos para a varzea, ali é que é lugar bonito para brincar-se! e o doutor nos ha de deixar tomar banho no Tamanduaty; então não é melhor?

Muitos: «Valeu! valeu!»

N.º 1: «Olhe, doutor, eu acho que é melhor... deixem-me fallar, não acha, doutor, que é melhor nós irmos todos apanhar cambuis na chacara; e lá é que temos lugar bom para tomar banho; então vamos?»

Alguns: «Qual cambuis, nem meios cambuis; como o outro dia, que nos enlameamos todos atraz das taes fructinhas de passarinhos.»

N.º 3: «Vamos antes pela Consolação ao Tanque Reiuino, e de lá nós treparemos aquelle morro, e vamos passar por aquelle lugar que nós fomos aquella vez; lá sim, é que é bonito, e por lá tambem teem fructas, gravatás!»

N.º 1: «Ora, quem faz caso de gravatás, não ha caminho que os não tenha.»

N.º 9: «Vamos então ao Campo Redondo, sim primo? e lá teem jaboticabas, sim? oh que bello, digam todos para nós irmos ás jaboticabas; então vamos?»

N.º 4: «Eu acho melhor nós irmos a Sant'Anna; vamos vêr o Tietê, como deve de estar cheio; e lá é que é lugar bonito, vêr aquella bella ilha no meio do rio tão pittoresca, os barquinhos dos pescadores, e os peixinhos a saltarem! Vamos depois até á Capellinha; e de lá é que se goza uma bella vista.»

Muitos: «Sim, a Sant'Anna, a Sant'Anna!»

M.º 5: «E nós podemos tambem ir pescar, o doutor nos deixa entrar no rio; e cada um de nós ha de trazer uma cambada de peixe quando voltarmos. Digam todos que vamos...»

Alguns: «Vamos, sim, sim, vamos pescar.»

Outros: «Vamos antes ás jaboticabas... A' varzea!.. A' Luz!.. A Sant'Anna!.. Pescar!.. Apanhar fructas!...»

Que é isso?... para que tanto barulho?! esperem lá; isso assim não vae bem; vá a votos; eu ponho a votos.

Saia á frente o n.º 10. Agora mais para ali o n.º 1; e o n.º 4 fique lá. Ora, cada um destes representa um lugar; o n.º 10, a Varzea; o n.º 1, a Chacara; e o n.º 4, Santa'Anna; assim, todos os outros vão agora para um destes tres lugares, que gostarem mais; e o que reunir maior numero, será o lugar para onde todos iremos. Vamos... Sigam!...

Muito bem, muito bem! Venceu o n.º 4, e com razão.

A Sant'Auna, pois, e lá iremos ás jaboticabas em uma chacara de um meu conhecido que as tem muito boas. Sigamos.

Sigam todos em ordem. Vá na frente o n.º 1 e 14. Siga agora o n.º 9 e 11; continuem 10 e 6, e agora.. Mas que!.. agora é que me lembra.... nós ainda não rezamos! E ninguem se lembrava; e assim iamos saindo como infieis! Voltem todos aos seus lugares; vamos primeiramente render culto á Divindade; render graças ao Creador. Fique para outra vez nosso passeio, que já é tarde. A pé. Rezemos.

S. Paulo 29 de Novembro de 1856.

### No album do M. S.

Ai! nem tu sabes, amigo,  
Quanta saudade commigo  
Me vive no coração!  
—Prantos que os seios beberam,  
Que no silencio correram,  
Só os sabe a solidão!

Cobrem-se as varzeas de flores,  
As laranjeiras amores  
Respiram na primavera;  
Mas ao peito desgraçado  
Ninguem se viu abraçado,  
Ninguem se viu... ai! quem déra!

Fui gemer ao desabrigo  
E surgiste do jazigo,  
Sombra augusta de meu pae!  
Viste-me errante e sosinho  
E eu ouvi no meu caminho,  
Por noute sombria, um ai!

Sahi da tréva—e sorriu-se  
A primavera que abriu-se  
Em flores—mas desbotadas!  
Era crepusculo de vida,  
Mas luz de arrebol—perdida,  
Já sem as rosas coradas....



Nem tu sabias, amigo,  
Quanta saudade commigo  
Não guardo no coração!  
—Ora que o sabes, distante  
Ah! não te esqueça um instante  
Lá nos teus lars o irmão.

S. Paulo, 14 de Novembro de 1859.

S. de M.



## A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 60.)

O meu amigo continuou :

Eu amei esta mulher como se nunca houvera amado na vida. Julguei-a um ente enviado por Deus para salvar-me do crime, um ente puro, luminoso, que devia mostrar-me o abysmo, arrancar-me de suas bordas e conduzir-me á morada da pureza.

Sondei meu coração que julgava estar exaurido. Nelle havia ainda amor bastante para inundar o peito e affogar nos labios os suspiros da mulher que me amasse.

Eu estava isolado no mundo, pobre, sem familia, e quasi sem Deus: fazia dessa mulher meu unico mundo, minha unica familia — meu tudo!

Um dia, casualmente, achei-me á sós com ella. Contemplei-a silenciosa: vi que estremecia. Seus cabellos atados em tranças caíam-lhe pelos hombros, tomei uma dellas e beijei. Ella corou e depois empalideceu. Beijei-lhe segunda vez a trança, terceira, muitas! ella quiz fugir:—Escuta, lhe disse retendo-a: serei breve no que te vou dizer.—O que é?... perguntou voltando, o que me pertendes dizer?—Uma só palavra, mas nessa sinto que se resume a minha existencia inteira: amo-te.—Tu me amas?! exclamou admirada, ou por amor ou por incredulidade, mas que o meu orgulho tomou por ironia. Tu me amas?!... e quantas vezes, e a quantas mulheres não terás, mentindo, pronunciado essa palavra?...

—A voz do pobre sóa sempre mal nos ouvidos do rico... Talvez não fosse irrisão si eu, para dizer que te amava, houvesse collocado esta palavra no meio de lindas phrases, de engenhosos pensamentos... si eu usasse de uma linguagem doce, meliflua, requintada... dessas que soem usar os moços da moda, das altas sociedades...

—Oh não continues a me fallar assim! me interrompeu ella. Estás ferindo os meus sentimentos!... Que me importa a mim que o amor se revista com as roupas ricas, brilhantes da opulencia, que habite um esplendido palacio, que aspire somente as grandezas?... Escuta uma vez, e para nunca mais te esqueceres, a maneira porque eu amaria e quereria ser amada. Eu amaria um homem tanto nos esplendores das riquezas como nas privações da miseria. Eu iria sem medo levantar dos andrajos da pobreza, ou cobrir-me com elles o homem que

me amasse com a mesma força com que me sinto capaz de amal-o. A' esse homem eu diria francamente: si o teu coração pulsa pela effervescencia d'um affecto unico, exclusivo, ardente, desses que alimentamos no silencio com lagrimas e gemidos, com risos e alegrias, desses cujo nome pronunciamos d'involta com as nossas orações—porque tambem o adoramos: dá-me esse amor talqual o sentis, e minha alma e meu corpo te pertencerão.

Ella retirou-se ao terminar estas palavras.

Muitos dias se passaram durante os quaes ella evitava cuidadosamente as occasiões em que eu lhe poderia fallar. Comtudo eu bem via, uma idéa a preoccupava.

Um dia, porem, fui encontral-a no mesmo logar em que lhe havia dito que amava-a. Ella desfolhava uma rosa rara que lhe ornava os cabellos. Aproximei-me, e fui sentar-me diante della. Estremeceu, á minha chegada e a flor caio-lhe das mãos.

—Em que seismavas? lhe perguntei. Accaso fazias dessa flor o teu horoscopo?—Talvez, me respondeu. E' que a vida d'uma moça, principalmente d'uma moça rica bem se assemelha a essas flores raras em nossa terra. Transplantadas n'um paiz estrangeiro, seu unico merecimento consiste as vezes somente na raridade.

—Não percebo bem a semelhança, insisti já parecendo-me ver outra ironia no seu pensamento.

—E' clara. Colloque-se esta flor n'um jardim e ella não chamará a attenção porque lhe falta o perfume e brilhantismo da cor. Declare-se porem, que é uma flor rara de outros climas, e todos se apressarão em admiral-a, em proclamal-a a mais bella do jardim... e isto somente porque é rara. O mesmo acontece á uma moça rica.—Desconhecida no centro d'uma sociedade ella ahí ficará isolada—porque lhe falta o fulgor das joias, ou os attractivos da belleza. Declare-se, porem, que essa moça é rica, d'uma riqueza immensa!—e enxames de adoradores virão cercal-a, proclamal-a a mais linda da sociedade... somente porque sua riqueza é grande, é rara.—Mas por ventura esta moça e esta flor serão estimadas pelo seu merecimento proprio? Eis ahí em que eu pensava ao desfolhar esta flor.

—Tem razão!... respondeu-lhe o meu orgulho: a—ambição embriaga e céga o homem!... Os sentimentos do pobre são sempre comprehendidos pelo rico na palavra ambição... Para o pobre o sanctuario da virtude é ve-

dado porque por suas portas só é permittido passarem as galas do potentado... Sim, eu quizera ser rico, muito rico! porque então eu teria um titulo para dizer que te amava sem temer que meus sentimentos fossem considerados como ardis para obter a tua fortuna...

Ella nada replicou, e o que havia de dizer? Minhas palavras eram acres, eu não lhe havia entendido o pensamento, pois que o orgulho me cégava.

Depois ella me perguntou:

—Já amaste verdadeiramente alguma mulher?

—Não: amo-te agora.

—E como poderás provar esse amor?

—Como poderei proval-o? Ali está a minha vida presente para t'o dizer. Sim, Deus teve piedade de mim collocando ás bordas do precipicio um anjo que reteve minha alma ao despenhar-se na torrente da perdição... Despio-a das roupas do passado, lavou-a no banho do mais sincero arrependimento, fez retirar com sua luz o espirito do mal que ia apagando do meu coração os germens dos bons sentimentos, deu-lhe novas crenças, novas esperanças.—Esse anjo és tu... porque não deixarás, pois ao misero que salvaste consagrar-te toda a sua existencia?

.....  
Eu já t'o disse. Esta moça amou-me com um amor santo e criminoso a um tempo. Esse raio tão puro que Deus deixou escapar de sua corôa divina,—o amor, ella o sentira, que se havia reflectido em sua alma e animado todo o seu viver.—Era santo este amor.—Ao doer d'um gemido de sua mãe que agonisava ao rir frio da morte ella zombára, ou a força d'um sentimento immenso a prendia a mim fazendo-a esquecer deveres tão sagrados. Era criminoso este amor.

Até aqui somente te hei esboçado o quadro da minha felicidade na posse do affecto desta moça; escuta agora a transição... é a historia do homem.

Um anno se passára apoz esse dia em que eu e ella sorvemos na taça da ventura o seu licor mentiroso. Eu bebi o lethes do amor; ella, coitada!... sua mãe morrera quando trocavamos a ultima palavra de amor...

Durante esse anno—ainda era criminoso este nosso amor!—fallavamos de sua mãe e do nosso affecto; da sua enfermidade, de seu martyrio, dos seus ultimos e pungentes instantes, e dos nossos curtos porem deliciosos momentos de prazer... Quando cercavam seu leito, e sondavam-lhe no rosto

livido, nos olhos impanados, no bater irregular e enfraquecido do coração os ultimos alentos d'uma vida que já lhe escapava:— nós, no silencio só viamos o nosso amor.

Mas havia quem nos espreitasse, e visse e ouvisse a nossa despedida quasi na hora em que a doente espirava. Era um velho coberto de andrajos, e que eu muitas vezes encontrára aqui em outros logares. E' um mendigo, sem duvida, mas não sei porque ao vel-o o coração se me estremece involuntariamente.

Hontem o paé da minha amante recebeu uma carta anonyma em que lhe relatavam miudamente todos os passos de sua filha; hoje recebo uma carta igualmente anonyma em que me dizem que um casamento se está contractando para ella... Procurei-lhe fallar, impossivel!

Hoje espero vel-a no baile;ahi vou atirar o ultimo dado neste jogo da vida!...

.....  
Ao terminar estas palavras elle se ergueu, abriu uma gaveta e della tirou um livro de capa verde que me entregou dizendo: eis— aqui, meu amigo, algumas folhas manchadas do meu passado, algumas puras e brilhantes do meu presente... e em breve saberás do meu futuro.... Lede-as.

Apertei-lhe a mão e retirei-me.

(Continua.)

## MOSAICO.

O immortal poema de Camões tem até hoje 42 versões em varios idiomas: versões francezas, 14; latinas, 6; italianas, 5; allemães, 5; hespanholas, 4; inglezas, 4; suecas, 2; dinamarqueza, 1; hebraica, 1.

Contendendo um christão com um judeu sobre qual teria maior numero de Santos, si a lei antiga, si a lei da graça, apostaram, ajustando-se a que, por cada Santo que alternativamente nomeassem, arrancariam um cabello da barba.—«Abrahão, começou o judeu e logo arrancou um cabello da barba ao christão.»—S. Pedro e S. Paulo, dice o christão e arrancou dous cabellos da barba ao judeu.»—«Os tres meninos da fornalha, e arrancou tres cabellos.»—«Santa Ursula e as onze mil virgens, clamou então o christão; e lançando rapidamente as mãos aos grandes bigodes do judeu lh'os deixou escorrendo em sangue.»

## O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 76.)

GRA.—(A' parte). Agora é que são ellas.

SIM.—Pois não, minha senhora. (Tira a mascara).

TODOS.—É elle mesmo!

GRA.—(Muito admirado). Elle! pois eras tu, rapaz?!

SIM.—(Baixo). Foi bem bom que fosse eu.

CONDES.—(Baixo). Zombaram de nós. (Alto). Adeus, sr. Graça: lembre-se que ha pessoas com quem é perigoso encontrar-se muitas vezes.... Adeus, senhor.

GRA.—(Comprimentando). Pois, meus senhores, minha senhora....

SIM.—(Idem). Minha senhora e meus senhores....

GRA.—(Sahindo). Pois devéras és tu, rapaz?... Ora que logro!—eu que julgava já estar.... ceando! deixaste-me com agua na bocca.

SIM.—(Sahindo). Sim, patrão? pois desde já agradeço-lhe o cartorio e a mão de sua filha.

GRA.—Ah! e julgas que te darei ambas as cousas?

SIM.—Com isso conto eu.

SCENA 3.<sup>a</sup>

O Conde, a Condessa e Fernando que chega com Maria.

CONDES.—Então, Maria, não achas mag-nifico este baile?

MAR.—Que bulha infernal.... quanta gente!... Estou amedrontada e tremula, e pergunto a mim mesmo o que vim fazer a este baile....

COND.—Veio distrahir-se.

CONDES.—Vocês vivem sempre encarcerados e tão sósinhos....

FERN.—(A' parte e com um bilhete na mão). Este bilhete convida-me a vir ao baile esta noite para nelle encontrar a justificação dos conselhos de alguém e das minhas justas suspeitas....

CONDES.—O que tem seu marido, Maria?

MAR.—Ha dias que vive triste e preocupado.... e hoje ainda mais.... (Chamando-o) Fernando!

FERN.—(Despertando da sua preocupação) Ah!—o que me queres, Maria?

MAR.—Quero que me falles, que não penses em ti....

FERN.—Era em ti que eu pensava.

MAR.—Em mim?

COND.—Não é a senhora o seu unico pensamento?

CONDES.—A sua unica felicidade?

FERN.—Sim, minha irmã.... porque toda ella é a minha vida.... seus prazeres são os meus, sua felicidade é a minha, e quando me assalta um dos meus accessos de tristeza, um sorriso de Maria o dissipa mais de pressa do que as distracções que eu procurasse!

MAR.—Meu querido Fernando!....

CONDES.—Oh! é muito bonito amar-se assim! Mas tambem os parentes, os amigos devem merecer alguma cousa....

COND.—E nós os trouxemos para aqui afim de roubá-los a um viver tão getirado.

CONDES.—Foi uma conspiraçãosinha contra a felicidade de vocês.... contra essa felicidade egoista de ambos. (A' Maria). Ora pois, alegrem-se e vejam como Fernando está outra vez mergulhado nas suas tristezas.

MAR.—É verdade.

CONDES.—(Baixo). O que é de um triste agouro para você, Maria.

MAR.—(Tambem em voz baixa) Você assusta-me, minha irmã!.... o que quer dizer....

FERN.—(A' parte). Ah!... hei de obter a explicação deste bilhete. (Alto, á Condessa). O que lhe dice em voz baixa?

CONDES.—Que havemos de cear hoje todos quatro juntos.

COND.—No botequim: dispuz tudo para isso.

FERN.—Bem: d'aqui á meia hora, ou antes, nos encontraremos neste lugar.

MAR.—Aqui?

FERN.—Sim. (A' parte). É o sitio emprazado.

CONDES.—Pois bem: seja. (A' parte). Eu já sabia que havia de voltar aqui. (Alto). Agora — separemo-nos. (Rindo). E desconfiem sempre dos máus encontros....

FERN.—Até logo.

CONDES.—Até logo. (Fernando e Maria retiram-se pela direita).

(Continua.)